

POR QUE ORFEU?

Ricardo Biz,¹ Jundiaí

contato@psiquiatria.jundiai.com.br

Por que Orfeu, sendo tão celebrado e lembrado pelos artistas, de todas as épocas, não costuma ser escolhido e estudado em profundidade pelos psicanalistas?

O não-lugar ocupado por Orfeu ou sua característica de mediação – entre deuses e humanos, entre homem e mulher, entre corpo e alma, entre vivo e morto, entre intuição e dedução etc. – imporiam dificuldades aos psicanalistas de se apropriarem dessa posição evanescente?

A dimensão que concerne ao mito de Orfeu enfatiza sua voz e seu canto como forças de enfrentamento dos perigos, da perda (de Eurídice) e, consequentemente, de seu luto; diante dessa falta fundante, do vazio potencial, Orfeu cria a mais bela sublimação, cria o orfismo (Delorme, 2006).

A sensibilidade e o talento de Orfeu metamorfoseiam o bruto e o angustiante para apreciação sensorial e lidam com sua falta por meio da ritualização; por isso, frequentemente se menciona Orfeu como o civilizador. É aqui que a semelhança de Orfeu com o analista deve ser salientada: o analista, esse sublimador, que enfrenta o inconsciente fugidio (como era fugidia Eurídice, para Orfeu) e que facilita a exérese de elementos mundanos e ordinários trazidos pelos pacientes.

Na trajetória de Orfeu, seu canto sofreu recalcamento originário, após as duas perdas de Eurídice, mas ocorreu o retorno do recalcado na liturgia do orfismo. A perda de Orfeu era rememorada de forma performática pelo orfismo, religião arcaica com elementos importados do Oriente que se praticava provavelmente mil anos antes de Cristo e se estendeu por alguns séculos em nossa era.

A religião, de forma geral, é um arcabouço ritualístico desenvolvido para elaborar um luto. Após uma perda ou uma morte, elementos concretos, tais como relíquias, são postos em cena para produzir cerimônias, o que fica muito evidente no caso do cristianismo: “e, depois de dar graças, partiu-o [o pão] e [Jesus] disse: ‘Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim’” (Coríntios, 11,24). O pão, sendo o próprio Cristo, pode ser incorporado e revivido. São atos do luto, tanto para lembrar quanto para suturar uma falta.

1 Psiquiatra. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Assim também o orfismo inscreve-se numa tentativa de depuração do mito pelo *logos*. Ou seja, Orfeu situa-se na interface entre, de um lado, o sinestésico e o estético (bem captados pelos artistas) e, de outro lado, a lógica da dedução performática do orfismo.

A psicanálise está em consonância com o caráter intermediário que se estende do *canto* do Orfeu-músico ao *verbo* do Orfeu-sacerdote, pois a psicanálise não é só um saber-fazer intuitivo; ela se fundamenta num corpo teórico, ou seja, sua *tékhnē* se apoia num *logos*.

Orfeu – que desceu aos infernos, que conhece os mistérios e tem ciência da falta – se torna profeta, oráculo, mágico,² mago, feiticeiro, curandeiro e, por que não?, analista.

Nesse sentido, Orfeu vai além da representação teatralizada do mito, pois possui uma dimensão religiosa, ritualística, curativa, catártica e ascética. Há uma produção tanto simbólica ou abstrata, quanto ritual e concreta. O psicanalista também produz sentidos com as interpretações, e, ademais, não há como negar a ritualística que envolve o tratamento: o cumprimento, o deitar no divã, a despedida, o consultório, o pagamento etc. são atos do culto ao inconsciente; nesse culto, o analista é sacerdote que, iniciado nos seus mistérios, deve ao analisante a abstinência de seu desejo, para que o possa conduzir à cura.

E se o orfismo se investia de um caráter político, pois concorria com as religiões oficiais da época e até as contestava, a psicanálise também tem sua matriz subversiva, na medida em que não se propõe a pacificar conflitos nem a defender uma ordem preestabelecida, mas se propõe a expor dilemas, escancarando-os, até as últimas consequências – até o inferno!

O analista, por meio da interface sensório-intelectual, ouve o canto (desafinado, triste e lamurioso) dos pacientes e os conduz à catarse, mas uma catarse pelo avesso, na qual os sentidos que se encaixavam e conferiam uma unidade totalizante e tranquilizadora dão lugar ao tensionamento do estabelecido.

Orfeu – múltiplo! Orfeu, que não se deixa reduzir...

Referências

- Bíblia de Jerusalém (1998). Paulus.
- Delorme, S. (2006). Orphée, cet analyste. *Insistance*, 1(2), 153-169. <https://doi.org/10.3917/insi.002.0153>.
- Jourdan, F. (2008). Orphée, sorcier ou mage? *Revue de l'Histoire des Religions*, 225(1). <http://journals.openedition.org/rhr/5773>; <https://doi.org/10.4000/rhr.5773>.

2 “O canto da cítara, fixado pelo tempo, torna-se *pharmakon* e *epôidê* [poção mágica, remédio] – cada um dos dois termos referindo-se às virtudes médicas e encantatórias de suas fórmulas” [tradução nossa] (ver Jourdan, 2008).